

Liberdade: nunca além do bom senso

Nordestinos; homossexuais; gordos; prostitutas; negros – nada escapa do escárnio de um sem-número de pessoas que, diariamente, destilam ódio, quer nas redes sociais, quer nos corredores das escolas, quer no meio da rua. Sem dúvida, o ódio é sempre nocivo a qualquer debate e apenas superável pelo bom senso – o que não é possível exigirmos de todos os homens, alguns, ignorantes por natureza.

É nesse sentido que havemos de reconhecer o papel fundamental dos formadores de opinião, os quais se manifestam, na velocidade da luz, mídias afora. Inegavelmente, a maior parte dos cidadãos porta-se como verdadeira maria-vai-com-as-outras, deixa-se levar apenas por aquilo que está ao alcance dos olhos, sem qualquer depuração e, assim, engole a primeira barbárie, ainda que assinada por boçais de toda a ordem, que o fazem em nome da liberdade de expressão. Outra parte vê, revê, contesta, aceita, recusa atitudes extremistas – até porque o escárnio e o ódio são pressupostos daqueles que confundem liberdade particular de expressão com liberdade de opressão ao próximo.

Sem dúvida, a liberdade de expressão não é ilimitada, como pretendem certos indivíduos. Democracia à parte, temos que há o limite imposto pelo bom senso, intimamente ligado à razoabilidade, à ética, aos bons costumes, e deve ser aferido com a empatia – é nisso que acreditamos, é isso o que aconselhamos. Nunca o jargão popular foi tão oportuno: não faça aos outros o que você não quer que seja feito a você – isso é bom senso, é polidez, é respeito. Contrário disso, a liberdade de expressão transforma-se em ferramenta que separa, que agride, que discrimina, o que significa retrocessos significativos no perfil daquele que ainda se conhece por animal racional.

Por Gislaine Buosi